

PORTUGUÊS DA GALIZA... VAIA PARVADA

Alexandre Banhos

Eu nunca pensei nisso do português da Galiza, mas no ano 1994, o Conselho da Agal presidido por Maria do Carmo Henriquez Salido, decidiu organizar o V Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. Seria em Vigo para o ano seguinte (o congresso foi-se demorando e teria lugar entre 28 de outubro e 1 de novembro de 1996). Eu era membro do Conselho e residente em Vigo, e isso deu lugar a que algum trabalho específico me tocasse.

Tivemos um dia um encontro com quem não era membro do Conselho, mas grande e eficiente colaborador em tudo, Martinho Monteiro Santalha. Lá estávamos numa cafetaria ele, Maria do Carmo, eu próprio, acho também que Pedro Fernandes Velho e duas ou três pessoas mais, das que infelizmente não são quem neste momento de decorar os nomes. Após tratarmos as questões que urgiam, a cousa entrou numa conversa demorada e lá saiu o assunto dos dous bem interessantes e importantes livros da editora lisboeta *Sa da Costa*, a ver com a língua na Galiza. Um de Manuel Rodrigues Lapa [Estudos galego-portugueses: por uma Galiza renovada](#). Outro de Ricardo Carvalho Calero, [Problemas da Língua Galega](#).

[Martinho](#), manteve sempre um relacionamento muito estreito com Dom Ricardo Carvalho Calero. Eles trataram de todo o tipo de assuntos e partilharam muitas das suas propostas bem antes de serem publicadas.

Estava pois falando o Martinho, e respeito desse livro de Carvalho, e afirmou: **Carvalho repetidamente susteve que ao colocar a intitulação enganou-se, pois teria que se intitular [Problemas do Português da Galiza](#).**

Fiquei abalado, seguim escutando o que afirmava Martinho com muito interesse.

Dizia ele, para Carvalho o termo galego, numa língua internacional, e para leitores instalados no *português*, era nadar contra corrente, pois exige muito esclarecimento, impossível de fornecer em todo o lado, e não a simpleza heurística, que como aponta Guilherme de Ockham e a sua navalha, e a verdadeira base do método científico.

Esse método aplicado a qualquer proposta que se faça no campo da língua ou de qualquer outro campo, é chave do sucesso da proposta. E na Galiza levamos tempo demais botados a lutar contra as mais fortes correntes, sem examinar com a navalha de Ockham, qual é o jeito mais apropriado e simples para o sucesso. Infelizmente, de um jeito ou de outro sempre se acaba aceitando a que o estado impõe, e desde ela questionando-a, o que faz impossível o sucesso ao lutar contra uma corrente poderosa e bem instalada.

Com o do **português da Galiza** e esse esclarecimento de Martinho, eu vim como uma luz, de facto passei dias e dias a redemoinhar o assunto mais ou menos pela calada.

Na Galiza vimos duma tradição galeguista que nasce no século XIX, que para a língua gosta da designação galego-português, tradição que segue Agal, e todo o reintegracionismo, e eu próprio, como todos, os que bebem nessa tradição, e que bem esclareceu a intitulação desses congressos internacionais da **língua galego-portuguesa na Galiza**.

Essa tradição fora trucidada na transição (transição da ditadura a democracia, que mais que transição era transação) pela proposta [espanhola do ILG](#) (abençoada pela [RAG](#))

Essa tradição de chamar a língua de galego-português, estava dizendo que a língua era uma só.

Carvalho, como todos os galeguistas que procediam da sua formação na época republicana inseriram-se de jeito pleno nessa tradição. Ele que foi o primeiro catedrático da nossa língua na Universidade Compostelana e que fez não pouco esforço na sua institucionalização universitária, não esqueçamos que não era catedrático de galego, se não **catedrático de galego-português**.

Aposentado Carvalho e chegado Fraga ao governo, o ILG muito argalhou para acabar com essa denominação, que é contrária, ao [vírus que representam, em palavras de Carlos Quiroga](#), e pronto, antes de rematar o primeiro ano de Fraga, uma Ordem da Junta, mudava o de galego-português a galego e português, mas o ILG seguiu argalhando até que o português desapareceu.

No ano 1996 coincidim num ato com Dom Antom Fráguas, um dos poucos galeguistas “históricos” que era ainda uma ligação viva com o galeguismo de anteguerra, e que seguia a pesar da sua idade bem avançada muito lúcido. Era de conversa amena e agradável. Perguntei-lhe: Que acharia de chamar a língua da Galiza, português da Galiza?

Olhou para mim abraiado e diz-me: **Vaia parvada**. Durante muito tempo foi aceite o de galego-português que agora já não está na moda, mas como criadores da língua, seriam os portugueses os que teriam que chamar a sua língua galega.

Tentei esclarecer que a Galiza criadora da língua, não foi a Galiza administrativamente espanhola, se não uma Galiza bem mais grande, que ia bem mais ao sul, e esses galegos, que em palavras de Herculano eram os criadores de Portugal (Entrevista no jornal do Porto *Primeiro de Janeiro*, 187 e algo. Citado por António Sérgio em [Breve Interpretação da História de Portugal](#)), tinham todo o direito a colocarem o nome do estado à língua, acaso os castelhanos não andam a fazer o mesmo.

Mas ao homem o assunto o incomodava, e acabamos a conversa.

No meu relacionamento com portugueses descobrim bem em seguida que o de português da Galiza, conetava com grande força; e reparei logo que o nome galego-português, que forma parte das matérias que se estudam em Portugal, faz referência a textos antigos devido a professora alemã [Carolina de Michaëlis](#), quem achou mais útil de chamar aos textos da primeira etapa da língua de galego-portugueses, em vez de esclarecer que o português nos primórdios do reino se chamava galego.

Chamar a língua da Galiza em Portugal ou em qualquer outro lugar do espaço internacional da nossa língua, português da Galiza, gera uma empatia desde o início que voa por cima incluso da qualidade e modelo de língua, entanto que galego, ainda se escrevendo exatamente com a mesma orthographia, cria uma barreira, do tipo mas se é galego...não é português, e vamos a achar diferenças. E claro, esse termo galego sempre precisa de esclarecimento.

No ano 2000 ou 2001 assistimos uns quantos galegos, a um encontro sobre função pública no quadro normativo europeu no salão da Escola de Administração pública (INAP) em Madrid. Lá falava o responsável sueco (usou inglês), a Diretora geral da função pública de Portugal, e o Secretário de Estado da administração espanhola Ignácio González (quem viria a ser certificado, andando o tempo, como mais um grande corrupto segundo modelo PP).

Com a Secretária geral de Portugal (da que infelizmente não lembro o nome) tivemos longa conversa antes do ato, ainda que tivesse a palestra preparada em inglês ia usar o castelhano por deferência ao público. Convenci-na de fazer a palestra em português. Dizia-lhe acha que se se deslocassem a Lisboa para falar algum do estado espanhol usaria o português, diz-me, não. E além disso fornecia o INAP tradutor de português castelhano, e auriculares para escutar.

Foi a tradução mais horrível que achei na minha vida, a palestra estava entupida de falsos amigos, por exemplo reforma, -referido a jubilação- e o tradutor dizia reforma, de facto ninguém entendeu muito do que ela diz.

Havia logo um turno de perguntas e eu aproveitei que havia tradução de português para fazer-lhas na minha língua.

Erguim-me, trouxeram o microfone, e comecei, *Voi fazer una pergunta a la senhora Diretora geral, e aprovechando que há traducion la voi fazer como galhego em mi lengua, el português...* Foi dizer português e na Sala ergueram-se vozes e pessoas iradas, que dificultou o seguir com a pergunta... Com berros do tipo “tu eres galhego, que es esso de português”... aguardei a que se calmara a cousa e esclarecim no **português da Galiza**...Após o esclarecimento aquilo era um escândalo ainda maior.

Aguntei bastante templado. E quando acabou a sessão e saim para fora, fum arrodado duma dúzia de pessoas, e mais que andavam a pedir-me esclarecimentos, como podia ter declarado aquela burrada. Achavam que vinha de cometer um delito de lesa pátria. Estava na palestra o amigo José Manuel Outeiro (quem participa e argumenta comigo na conversa com a diretora geral para que fizesse a palestra em português), e com o seu estilo firme e calmo apareceu para me defender. Estavam outros galegos incluso algum com cargo de partido nacionalista, mas ficaram calados, e tudo o que chegaram a dizer era do tipo o *Alexandre és como és*...

Percibim muito claro que essa denominação remove a política espanhola de *nacionalização do galego*, entanto este não desaparece como língua regional da Espanha, e só da Espanha, de jeito bem simples e sem muito trabalho.

Como diz Edelmiro [Momam](#), como é que nenhum grupo político, tem nunca reclamado a existência do galego em Portugal, nem sequer em Castro Laboreiro ou nos Trás os Montes, e como é que um Xocas -Joaquim Lourenço- podia dizer na república, que no Baixo Límia falavam igual que em Lindoso e Soajo, português; e hoje a raia é a exata raia de duas línguas?.

O nome certo é a primeira alavanca de sucesso, é aquele que não precisa de esclarecimento dada a sua transparência, é o melhor. Que o estado não goste, é como certificar a sua força.

Sobre a importância das denominações e não aceitar as suas denominações, eis um caso bem interessante. No mês de junho, a começos, houve uma intervenção no Congresso espanhol, acho que uma deputada de Junts, começou falando em Catalã, e a presidenta Maritxell Batet, cortou-lhe a palavra...Aqui há que usar a língua comum de todos, o espanhol, isso acompanhado com as expressões de fúria e berros de partidos da direita e da direita extrema. Porém a deputada catalã, acho que de Junts, resposta à presidenta do Congresso em Catalã, *eu estou a falar todo o tempo em espanhol, e penso seguir falando em espanhol*.

A presidenta ficou deslocada com essa intervenção, fez uma consulta com os secretários e com assessores, e ao cabo dum bocado diz: A única língua que se pode usar no Congresso, é a que estabelece como oficial a Constituição, o castelhano.

No dia 21 de junho houve um acordo de todos os deputados dos países com língua nacional, de reclamarem a presença das suas línguas no Congresso. E foram cortando-lhes a palavra. Aqui em

castelhano. A palavra espanhol não se voltou a escutar no Congresso desde a sua presidência, nem sequer quando [Nestor Rego](#) na sua intervenção falava do espanhol. Desde aquela, no , ao castelhano se lhe chama castelhano, nos termos legalmente estabelecidos, língua imposta a outros territórios e *não língua comum e natural do estado*.

Espanhol é uma apropriação, um usar a força da corrente de jeito bem simples. (As denominações não podem ser boas para eles e a vez para nós, alguém está enganado que diria [Sun Tzu](#)) Essa declaração de espanhola leva o corolário de somos espanhóis e falamos espanhol....e já te obriga a esclarecimentos contra a corrente. Sem entendermos que um pode reclamar-se espanhol como fazia Camões mas isso contrapondo-o a domínio castelhano, por isso eu prefiro a denominação Castela/Espanha, mais transparente mais real, pois a Espanha funciona como um verdadeiro [estado étnico castelhano](#), em todas as questões de fundo desse estado; por isso o Tribunal Superior de Justiça da Catalunha está formado por castelhanos, mas não só esse, e podem se pôr inúmeros exemplos.

Se um pertence a uma comunidade nacional, onde o nacionalismo é muito profundo, e o sentido de pertença a Espanha, muito escasso, um pode usar a denominação de espanhol, pois o público alvo entende bem o conteúdo da mensagem. Se um pertence a Galiza onde a autoidentificação como não espanhóis, não supera o 10 por cento da população, ao aceitar essa denominação, (essa corrente), não se consegue o objetivo, pois o público alvo está sendo arrastado pela corrente.

Impulsionado por Chrys Chrystelo e a sua esposa Helena, nasceram os [Colóquios da Lusofonia](#), em 2002, e neles realizou-se um grande contributo ao relacionamento da Galiza como iguais com o resto de espaços que formam a Lusofonia.

Nos Colóquios obviou-se o que é óbvio, e não se discutiu de nomes, no sentido do que pensava Carvalho Calero; o português da Galiza, (pt-gz) foi um português mais como é o pt-br, ou o pt-an, ou pt-ti etc etc, sem perder nada de seu.

Nos Colóquios colocaram-se as primeiras pedras para o nascimento da AGLP ([Academia Galega da língua Portuguesa](#)), e foi desde os Colóquios onde se fizeram os alicerces, para essa Academia ser reconhecida como igual, por todas as demais academias lusófonas que trabalham com a língua.

Os colóquios foram a chave para abrir o IILP à Galiza, aos reintegrantes, por cima das estruturas de estado etc etc. e todo isso funcionou, por a questão mágica de chamarmos às nossas falas com o nome com o que elas são reconhecidas internacionalmente.

Temos acaso mais direito nós sobre a língua, que o que tem os galegos que construíram Portugal?. Como dizia Murguía em 1891 nos [Jogos Florais de Tui](#): Nós não podemos pagar e deixar de agradecer tudo o que fez Portugal pela nossa língua, que seria de nós sem eles.

Quando estive de Presidente da Agal, no relacionamento com a Lusofonia e de jeito especial com Portugal, usei sempre o nome de português da Galiza.

E qual foi o resultado?, um interesse, empatia e solidariedade de todos os lados, inimaginável, inacreditável. Um dia achei-me com o dinâmico e empreendedor José.R. Pichel, fora um encontro ao acaso, ele acabava de chegar de Lisboa. E perguntou como o figes-tes?, está a Galiza e a sua língua em todos os meios, peguei na rua dois jornais gratuitos e falavam também da língua na Galiza e seus problemas.

A cousa era muito simples, a AGAL informava, mandava comunicados, tinha os meios portugueses como elemento chave de dar informação, e nos sempre falávamos da situação do português na Galiza.

A Galiza sob Castela/Espanha tem muitos problemas, estamos numa situação de esmagamento e opressão onde não tem dado certo nada do que se fez. Portugal tem de parceiro peninsular, Espanha, e nesse quadro a Galiza até se pode perceber como um problema para eles, um problema não pequeno nalgum sentido para Portugal, pois a Espanha o estado espanhol, o único que de verdade lhe preocupa da Galiza, e o relacionamento com Portugal.

Sofremos o terrorismo de Isabel I a Usurpadora, não por apoiarmos a rainha legítima Joana, se não por aceitarmos de rei, a Dom Afonso V de Portugal e a união de toda a faixa-atlântica peninsular. Castela, Castela/Espanha, leva mais de 800 anos trabalhando para impedir como for o relacionamento estreito e a união do que não devia ter-se separado. A solidariedade que gera afirmar que a nossa língua é o português da Galiza, é brutal; e além disso fica desmontado todo o processo da [estatalização linguística](#), pois o português não é língua espanhola.

Dizia Carlos Quiroga nesta [entrevista](#) que há um vírus que está matando o galego, e que se chama ILG, e por cima da sua atividade que pode ser até interessante olhada desde a distância, é demolidor de cara a se construir um projeto de verdade e de futuro, e esse vírus vai bem além do modelo de escrita para o galego, o modelo do castelhano (que era em certa altura o único que se sabia, o único que aliás se podia conhecer, num povo capado e com história apagada) frente a nossa própria tradição original e histórica.

Esse vírus está incutido em universidades e sistema de ensino com grande força, e se para o vírus o de galego-português da tradição galeguista, que tão bem representava Carvalho Calero, era anátema, e era-o até o ponto de **reescreverem a história** da matéria galego-português na universidade compostelana. O termo **português da Galiza** funciona para eles, como para os espanhóis exaltados de Madrid que citava antes, como um poderoso antibiótico, pois sentem que isso vai certinho contra a política estupefaciente que patrocinam, que funciona a prol do desaparecimento da língua na Galiza (sob Castela/Espanha).

Como dizia o criador do vírus [Constantino Garcia](#), não importa se a língua se fala ou se deixa de se falar, o nosso trabalho não vai disso.